

“O PENSAMENTO RELIGIOSO DO SÉCULO XX”

Frederico Laufer, S.J.

Para quem vive conscientemente nos dias atuais e está atento aos conceitos que se emitem sobre questões religiosas, filosóficas e morais, a impressão, não raro, será a de encontrar-se num “supermercado ideológico” onde se expõem e propõem ao consumo todos os produtos da mente humana, todas as idéias possíveis. Outra impressão pode ser a de encontrar-se num planeta de mais de 4 bilhões de seres humanos, envolvidos em tantos interesses pessoais e coletivos contrastantes, sem poder subtrair-se aos mesmos, sujeito a uma existência conflictiva e cheia de tensões, sem excluir, inclusive a eventualidade de um conflito que poderia varrer da face da terra toda a humanidade.

O progresso científico e técnico que conduziu a humanidade a esse estado atual da civilização se deu originariamente nos países cristãos da Europa.

A partir da “Renascença”, da “Reforma”, dos “Descobrimentos”, da “Revolução francesa” e da “Revolução industrial”, esses países começaram a liderar e a desenvolver o processo histórico que hoje domina a humanidade. Um processo que nos conduziu à presente situação.

Um fato que não pode deixar de chamar a atenção é o de que esse processo se desenvolveu precisamente em países de fé e de religião cristãs. Não teria sido pois a própria fé cristã um dos dinamismos mais decisivos que moveu aqueles povos em sua singular evolução?... A hermenêutica histórica nos diz que sim. Não haveria, portanto, nas grandes linhas históricas dessa evolução, uma Providência superior a dirigi-la, mesmo em seus erros e desvios? Também nisto, a reflexão teológica nos atesta que o homem não está sozinho no mundo e que na história humana há também um componente misterioso, trans-

Perspectiva Teológica	Ano XII	Nº 27 e 28	Mai-Junho	1980	p. 247-264
-----------------------	---------	------------	-----------	------	------------

cedente e divino; e que esse componente se configura concretamente na fé cristã, no cristianismo, na Igreja. Mas como entender, então, que, na própria cultura desses povos, se tenha processado uma crítica cada vez mais forte contra o cristianismo, até chegar ao ateísmo declarado dos séculos XIX e XX?

Este fato é em geral, ao menos do ponto de vista religioso e cristão, considerado como meramente negativo. Não poderia, no entanto, numa perspectiva histórica mais ampla, encerrar algo também de grandemente positivo? Redundar numa nova conquista do espírito humano? O espírito humano, a "razão" dos racionalistas e a "ciência" do homem secular se libertaram de uma fé autoritativa, transmitida pelos antepassados e por Igrejas, para submeter tudo ao exame crítico da própria razão, como princípio último de verdade. Mas se o resultado de toda essa nova atitude crítica do espírito humano viesse, com o tempo, a constituir-se na confirmação positiva da fé cristã, em sua purificação, em um maior aprofundamento e consequentemente numa realização mais autêntica, não poderia tudo isto redundar num salto qualitativo da nossa fé e da nossa existência cristã?

À raiz de todo processo histórico está sempre um pensamento, uma visão do homem, do mundo e da própria história; em

síntese uma filosofia e uma teologia a inspirá-lo e a orientá-lo. Sondemos pois algumas obras que refletem esse pensamento de uma maneira mais global, de conjunto, para ver que nos manifestam.

"O PENSAMENTO RELIGIOSO NO SÉCULO XX" de J. Macquarrie

"O pensamento religioso no século XX" é o título de uma obra recente, significativa justamente para esse propósito de apreender o movimento das idéias mais profundas que atuam como um componente de fundo do processo atual em que estamos envolvidos. O autor John Macquarrie elaborou-a quando ainda era professor na Universidade de Glasgow, em 1961, com o título original de "Twentieth-Century Religious Thought". Em 1971, já como professor da Universidade de Oxford, publica a segunda edição, acrescentando-lhe um capítulo referente aos anos de 1960 a 1970 (London, SCM Press). Esta 2ª edição foi traduzida ao espanhol e editada pela Herder de Barcelona. É sobre o texto desta tradução que fazemos nossa apreciação.

Macquarrie já tinha publicado duas obras sobre a teologia contemporânea, quando a Editora Herder and Brothers o convidou para escrever a presente síntese de todo o pensamento religioso do século XX. Deveria

abranger não só o desenvolvimento do pensamento teológico, mas também o filosófico. Uma tarefa, sem dúvida, de grande fôlego!

Apesar disto o autor lançou-se ao trabalho com denodo. "Uma vez começado — diz ele — vi que apesar das dificuldades... o trabalho era fascinante" (p.13). "Na expressão 'pensamento religioso' pretendemos incluir toda reflexão séria de tipo filosófico sobre os temas fundamentais da religião" (p.17). "Da teologia, por outro lado, ficam excluídas aquelas questões dogmáticas e eclesásticas que carecem de interesse filosófico imediato" (ib.) Entende-se desta forma o subtítulo: "Las fronteras de la Filosofía y de la Teología 1900-1970".

O autor está consciente da dificuldade da seleção dos autores dentro do panorama europeu-americano, como das exigências de fidelidade ao pensamento deles na exposição. Conhece também as limitações da sua crítica, a qual "não partirá de uma idéia preconcebida do que deveria ser uma filosofia da religião", procurando ser "tão equitativa quanto possível" (p.20). Macquarrie redigiu e publicou sua obra (à exceção do cap. XXIV, apresentado como "Post-Scriptum 1960-1970"), antes da recente eclosão do pensamento teológico latino-americano. Isto o escusa em parte de não fazer nenhuma referência, nem citação a auto-

res do nosso continente. Mas nem assim, inteiramente, tanto por não referir-se também a nenhum pensador extra-europeu e norte-americano, como principalmente por não ter captado nem mesmo no "pos-scriptum" a problemática dos países não desenvolvidos que já começava a manifestar-se naquele decênio e haveria de emergir como fonte de inspiração de tão grande significado no pensamento teológico contemporâneo. Isto se deve à limitação de praticamente todos os autores ao hemisfério norte-ocidental até quase aos nossos dias: ele vê o mundo e o pensamento que tematiza seus problemas, exclusivamente, a partir dos países desenvolvidos e neles, quase que unicamente dentro das culturas anglo-franco-germânicas, como se as outras culturas não existissem. Ressaltada esta limitação típica dos autores norte-europeus e dentro desse horizonte parcial, deve-se reconhecer que sua escolha dos autores e suas análises são em geral pertinentes e de valor.

1. VISÃO DE CONJUNTO

Em 24 capítulos classifica as correntes de pensamento, desenvolvendo a sua exposição cronologicamente, a partir do início do século XX, mas também agrupando-as, segundo os conteúdos predominantes; idealismo absoluto, idealismo pessoal, filosofias do espírito, filo-

sófiás anglo-americanas do espírito, noção do valor na filosofia e teologia, positivismo e naturalismo, são os 6 primeiros capítulos que se referem à primeira fase do século, até a primeira guerra mundial. Os 15 autores tratados nos capítulos 1º e 2º são exclusivamente britânicos e norte-americanos. E isto, porque no dizer do autor: "Floresceu este tipo de idealismo na Alemanha no início do século XIX, porém, muito depois de seu apogeu no país de origem, tornou a surgir com grande força nos países de língua inglesa, onde chegou a converter-se no tipo predominante de filosofia, em começos do século XX" (p.27).

Nos capítulos seguintes ("filosofias do espírito") entram, ao lado dos anglo-americanos, autores de língua alemã, francesa e um italiano, entre os quais: Eucken, Windelband, Vaihinger, Harnack, Ritschl, Freud e Jung. Em notas ao pé da página citam-se as obras, às quais Macquarrie se refere, completadas na edição espanhola pela indicação das eventuais traduções. Às vezes são acrescentadas também breves notas biográficas sobre os autores, o que contribue bastante para melhor situá-los. No fim de cada capítulo, o autor tenta resumir e caracterizar os grupos de filósofos-teólogos tratados e demonstrar os pontos fortes ou fracos de suas respectivas posições.

O "idealismo absoluto" (p. 27-56), p.ex., é considerado como uma interpretação metafísica, monista, universal do mundo. Deprecia, como tal, o estatuto metafísico da pessoa humana. Daí a reação do "idealismo personal" hegeliano (p. 57-74), cuja força é a insistência na "personalidade", como forma suprema do ser cognoscível, a partir da experiência, motivo pelo qual defende a "personalidade" de Deus até mesmo num sentido coletivo de "colégio de pessoas". O "idealismo personal" representa, portanto, uma reação contra o "idealismo absoluto" e suas negações fundamentais. É de se estranhar que na crítica ao "idealismo absoluto" não aflore a Macquarrie nenhuma alusão à doutrina cristã da SS. Trindade que, embora transcenda o objeto próprio da filosofia, poderia representar e até paradigmaticamente a idéia do Deus multi-pessoal do "idealismo personal".

O capítulo VI analisa o Positivismo e Naturalismo. O século XIX, diz o autor, trouxe grandes progressos nas ciências naturais. Em consequência desta orientação geral surgem as filosofias centradas na realidade física e da natureza. A metafísica é de certo modo marginalizada. É o tempo dos filósofos materialistas, como Buechner e dos agnósticos, como Spencer. Isto, porém, não quer dizer que a religião seja, nesta forma de pensamento, simplesmente ne-

gada. "Positivismo e Naturalismo não excluem radicalmente a religião, nem sequer certa estima pela religião... Mesmo não podendo admitir a existência de um Deus transcendente fora da natureza, podiam conceber a própria natureza como deiforme. Spencer se esforçou por reconciliar ciência e religião, assinando a esta última a esfera do incognoscível" (p.128). Nelles "a religião é tratada como um fenômeno natural", sem um Deus pessoal, tendo a humanidade como objeto de culto.

O capítulo é dividido em 4 parágrafos: 26) o positivismo científico (E. Mach, 1838-1916, prof. em Graz, Praga e Viena; K. Pearson, 1857-1936, prof. em Londres; 27) o naturalismo evolucionista, (E. Haeckel, 1834-1919, prof. em Jena); 28) Antropologia e Religião (E.B. Tylor, 1832-1917, prof. em Oxford; J.G. Frazer, 1854-1941, prof. em Liverpool; S. Reinach, 1858-1932); 29) Psicologia e Religião (J.H. Leuba, 1867-1946; Freud, 1856-1939, prof. em Viena; C.G. Jung, 1875-1961, psiquiatra em Zurique). No parágrafo 30 desenvolve a "crítica das interpretações naturalistas da religião" (pp. 149-154). A este respeito escreve Macquarrie; "Poderia parecer à primeira vista que os positivistas e naturalistas... tenham argumentos de peso para defender a sua interpretação da religião..., mas ao analisar mais atentamente semelhante pretensão nos damos conta de que

(tal interpretação) é sumamente débil" (p. 149). Ele verifica como diversos desses pensadores "na medida em que passam das descobertas nas suas ciências específicas para a esfera da interpretação filosófica, introduzem sistematicamente suposições, especulações e mesmo preconceitos que devem ser explicitados e estudados" (ib.). Uns são mais cautelosos, outros muito menos prudentes, como Pearson e Haeckel, que, com "uma dose considerável de fanatismo", fazem polêmica contra o cristianismo e manifestam uma confiança cega na ciência, atribuindo-lhe o poder mágico de transformar o futuro "numa época de satisfação geral, sem precedentes". Hoje poderíamos acrescentar que a "época de satisfação geral", a ser proporcionada pela ciência e na qual deveríamos estar vivendo em nosso tempo, segundo os prognósticos daqueles autores, se parece com uma época de insatisfação geral, e, a mais, bafejada pela maior descoberta da ciência moderna: o pesadelo atômico de um extermínio universal da humanidade.

Macquarrie move ao naturalismo uma crítica fundamental: a de conduzir a "uma abstração unilateral gigantesca". Segundo ele, "o naturalismo toma um setor da experiência, ou seja aquele que é possível de ser submetido à análise quantitativa e o apresenta como se fosse a realidade global"(p.150). Em

particular, do fundador da psicanálise, diz o autor: "Para Freud..., o mundo real é o cosmos sem Deus e rigidamente determinista do naturalismo do século XIX. Não reina sobre ele nenhum Deus Pai" (p.145). É um dado conhecido que Freud concebe a experiência de Deus como uma projeção da imagem do pai humano de cada pessoa. Se isto fosse entendido somente como uma das experiências possíveis de Deus e, aliás, experiência distorcida por um psiquismo imaturo ou enfermo ou no sentido de que a mente humana não pode ter e expressar seu conhecimento de Deus a não ser em termos de imagens ou de conceitos analógicos, nada se poderia objetar; a primeira asserção corresponde a uma constatação empírica em tais casos; a segunda, a uma concepção pacífica em teologia. Portanto, se o psicanalista se tivesse cingido à esfera particular e parcial de sua ciência, sem reinterpretar-lhe os dados à merce de uma subjacente filosofia, sua efetiva contribuição científica não poderia merecer reparos. Mas o cientista, como tantas outras vezes, foi traído pela filosofia que informava seu pensamento; daí a extrapolação inaceitável em que incidiu. "Jung, ao invés - observa Macquarrie - afirma claramente que a validade objetiva das crenças religiosas não é uma questão psicológica"(p.153).

A objetividade do nosso autor

aparece bem realizada, quando aqui como em outras ocasiões, reconhece os valores positivos das diversas correntes filosóficas. "Por mais que as observações antecedentes tenham sido de tipo crítico, não devem ocultar-se os méritos do enfoque naturalista... A perspectiva naturalista libertou a humanidade de muita insensatez e de muitas superstições" (p. 153-54).

Com este exemplo dos 6 capítulos da primeira fase, podemos fazer uma idéia da riqueza de toda a obra nos 18 capítulos restantes. Segue o desenvolvimento do "pensamento religioso" dentro da história do espírito filosófico e teológico do nosso século marcado por duas guerras mundiais, aberturas ecumênicas, pelo concílio Vaticano II por filosofias e teologias de autores como Spengler, Toynbee, Schweitzer, Bergson, Blondel, Unamuno, Ortega Y Gasset, Berdjajev, Bulgakov, Barth, Bultmann, Heidegger, Rahner, Tillich, v. Balthasar, Teilhard de Chardin etc.

2. COMO O PROFESSOR DE OXFORD VÊ A TEOLOGIA CATÓLICA.

Macquarrie não é católico. Sua seleção dos teólogos católicos e sua maneira de apresentá-los demonstra novamente um notável espírito de objetividade e sensibilidade para captar as características dos

diversos autores. Percebe-se aqui, contudo, uma ausência de representantes dos países latinos, como da Itália e Espanha sem falar da América Latina, cujo despertar teológico próprio é dos últimos anos. O livro cobre a unidade cultural do norte da Europa e da América.

Na exposição sobre vários desses teólogos católicos Macquarrie faz alguns comentários de interesse para o diálogo ecumênico que desejamos salientar. O capítulo da teologia católica praticamente é um só: Cap. 17: O Neotomismo e a teologia católica (pp. 375-405). Numa introdução bem lúcida sobre "Neotomismo" ou talvez "neoescolasticismo" o autor indica a Encíclica "Aeterni Patris" de Leão XIII (1879) como dinamizadora do movimento. Contudo "somente depois da primeira guerra mundial esse manifestou-se concretamente como uma das correntes principais do pensamento contemporâneo, com pensadores de primeira categoria em suas fileiras. Em meados do século se constituiria numa força intelectual de primeira magnitude e pode afirmar-se que na atualidade (1960) os pensadores empenhados no estudo da filosofia tomista e escolástica são mais numerosos que nunca" (p. 376).

Macquarrie usa o termo Neotomismo conscientemente num sentido amplo, como filosofia aristotélico-escolástica, que admite o "realismo moderado" e a

possibilidade de uma metafísica. Entre os promotores do neotomismo Macquarrie apresenta o Cardinal Mercier, o Prof. M. de Wulf de Lovaina e Peter Coffey, do Maynooth na Irlanda. O apogeu dessa filosofia é atingido com J. Maritain, "chefe indiscutível de todas essas figuras" (p. 382), com E. Gilson e, nos países de língua inglesa, com F.C. Copleston (Heythrop College do Osford) e o anglicano Austin Farrer de Oxford (1904-1968).

O parágrafo 88 é dedicado aos "grandes teólogos católicos" (391-403): K. Adam, K. Rahner, H.U. von Bahasar, E. Przywara, J. Daniélou e F.J. Sheen.

"Facilmente concluirá — assim o autor começa esta parte sobre a teologia católica — quem toma em suas mãos um dos numerosos manuais da teologia católica, que se trata de uma teologia de proposições, que a fé consiste no assentimento intelectual às proposições dogmáticas, e que é uma teologia com uma estrutura profundamente monolítica e sumamente rígida, no sentido de que cada teólogo católico parece simplesmente dizer as mesmas coisas com palavras ligeiramente diversas". Ele reconhece que realmente "a Igreja Católica define mais exatamente que qualquer outra os seus dogmas em forma de proposições" e que a fé assume também a forma de assentimento intelectual a proposições; contudo, uma impressão

como essa, acima citada, seria "injusta" (392). Não obstante ele quer "captar algo do espírito que anima a teologia católica contemporânea, passando em revista alguns dos teólogos mais destacados da Igreja católica" (393).

Inicia "com uma obra que se tem convertido praticamente já em clássica: "A essência do catolicismo" de Karl Adam (1876-1971). Adam foi professor de teologia em Tuebingen de 1919 a 1949. Nesse mesmo ano o seu livro estava na 12ª edição alemã e existia em várias traduções. Macquarrie expõe a obra e conclue que "esse resumo não é senão um pálido reflexo da elevada concepção que Adam tem do catolicismo enquanto osmose da graça divina sobrenatural com toda a vida humana. Não fechando, embora, os olhos ante os desvios históricos da Igreja, Adam apresenta uma imagem impressionante do melhor catolicismo. Se é um erro, é ao menos, como diria Santayana, um "erro esplêndido". Macquarrie fala aqui como um cristão que não é católico senão aderente da teologia de Bultmann e Tillich, respectivamente da filosofia de Heidegger, como ele confessa no fim do livro (p. 508).

De K. Adam, Macquarrie cita ainda uma passagem de outro ensaio sobre a fé. Esta não se deve reduzir a uma consciência meramente intelectual, diz Adam; pelo contrário cada reci-

tação do credo deveria ser um ato radical de consagração de todo o homem a Deus. Posso confirmar esta visão ampla de fé de K. Adam por uma recordação pessoal. No "Katholikentag" de Friburgo em 1925, ao qual assisti quando ginasião, K. Adam foi um dos principais conferencistas. A conclusão do seu discurso ficou-me na memória até hoje. Admitiu que os católicos e cristãos dos tempos anteriores debateram entre si muitíssimo sobre a "verdade" da fé, mas menos se preocuparam com a realização da caridade. O bolchevismo comunista que surge no leste, se torna para nós talvez um julgamento divino severo. Não podia ser mais profética esta palavra de Adam. Até hoje lutamos por maior justiça social. E o século XX, consagrado em 1899 por Leão XIII ao S. Coração de Jesus e, no meio da mais terrível guerra em 1942, por Pio XII ao Coração Imac. de Maria, estava fadado a ser um século não tanto de lutas apologéticas em favor da "verdade", mas predominantemente de conscientização dos nossos deveres de amor cristão. O Movimento Ecumênico, a Cruzada do P. Lombardi pela bondade e pelo Mundo Melhor, por incumbência de Pio XII; o Concílio "pastoral" Vaticano II e o surto da veneração do Esp. Santo; a conferência "Igreja e a Sociedade" do Conselho Ecum. em Genebra em 1966; o apelo de Paulo VI em 1975 e de Puebla em

1979 para construirmos uma Civilização do Amor até o ano 2000, são concretizações explícitas desta inspiração divina. Em Medellín e Puebla, como em semelhantes congressos evangélicos, ela mobilizou a América Latina. Realmente: sinais dos tempos, exigências ineludíveis da hora presente!

Ao falar, em seguida, sobre Karl Rahner, Macquarrie aprecia especialmente que este "teólogo católico, trabalhando embora dentro do marco de referência da fé tradicional da Igreja, é perfeitamente capaz de enfrentar-se com os problemas do mundo moderno, num estilo nitidamente contemporâneo". Mostra isto pelo modo como Rahner enfoca assuntos da filosofia existencialista, como da ausência de Deus e o fenômeno da morte.

O mesmo acontece ao referir-se a Hans Urs von Balthasar (p. 393.397-99). Saliencia nele "a diversidade de pensamento possível dentro da unidade da fé católica" (393), e seu esforço de "interpretação do cristianismo num mundo secularizado pela ciência" (397) como também sua insistência no amor que vem de Deus para a Igreja e o mundo.

Em Erich Przywara, Macquarrie encontrou "um novo aspecto do pensamento católico contemporâneo", por ele colocar ao lado de S. Tomás "a panorâmica integral do pensamento de

S. Agostinho" (339) e por ele ter apresentado na sua obra "Analogia entis" o princípio unificador das diversas correntes de pensamento. "Przywara está intimamente persuadido de que a concepção católica de Deus, expressa na doutrina da "analogia entis" é capaz de conciliar satisfatoriamente não só as tradições agostiniana e tomista, mas também todas as demais tensões do pensamento teológico" (p. 400).

Para Macquarrie "a leitura das páginas de Jean Daniélou (Cardeal, 1904-1974) é um dos melhores corretivos do erro popular (protestante), segundo o qual a fé para o católico é simples crença doutrinal, e a teologia uma mera elaboração intelectualista de proposições" (p. 401). Pois Daniélou introduz imediatamente à teologia bíblica; mas está aberto a toda a revelação divina, também no cosmos e na consciência moral dos homens o que não acontece tanto em teólogos protestantes. Sua teologia conduz propositalmente à reverência e ao amor de Deus, inclusive ao encontro com Deus vivo no caminho da mística.

O autor conclue sua resenha de "grandes teólogos católicos" com uma "alusão ao norte-americano Fulton John Sheen (1895-1980)". É um vulgarizador sim, mas seus "numerossos escritos apresentam idéias filosóficas e teológicas a um grande público que jamais haveria de

ler a literatura mais difícil sobre estes temas" (402). Apesar de estimar a metafísica, Fulton Sheen, como autor contemporâneo perspicaz, aconselha os teólogos a preferir um enfoque antropológico, em vez de metafísico, para os problemas da religião.

Resumindo o capítulo sobre filosofia e teologia católica Macquarrie pensa que "o conjunto não deixa de ser impressionante; e temos visto que existem boas razões para rechaçar algumas das acusações superficiais que com maior freqüência se alegam contra o pensamento católico" (p. 403). Refere-se explicitamente à depreciação do neotomismo, como se fosse "um simples retorno ao medievalismo", ou da teologia católica, como se fosse um jogo intelectualista, baseado em conceitos abstratos", ou a uma "monótona uniformidade" (p. 404). Por outro lado ele recomenda aos teólogos protestantes de dar mais lugar ao papel da razão filosófica na teologia, ainda que não se identifica de todo com a posição católica. Sua sentença final necessitaria de uma explicação ulterior; diz ele: "O que afirmamos — e o que deve ser afirmado — é o direito de julgar e de criticar qualquer pretensão humana de estar de posse de uma revelação divina, seja que se trate de uma pretensão católica ou protestante, cristã ou não cristã" (p. 405).

No cap. XXIV "post Scrip-

tum": 1960-1970", acrescentado à 2ª edição, o autor volta à teologia e à filosofia católica. Tendo dividido o período 1900-1960 em três fases, dá-se conta de que com a década 1960-70 estamos "em presença de algum novo" (p. 511). Não quer ainda falar de uma 4ª fase, por tudo se encontrar em agitação e rápidas mudanças: "Nova Reforma", "morte de Deus", "Cristianismo secular" "teologia negra", "religião dionisíaca" são algumas das expressões... que passaram ao primeiro plano". Na teologia protestante terminou a época "dos gigantes" Barth, Brunner, Bultmann, Tillich, Gogarten, os Baillie, os Niebuhr".

No campo católico? O Concílio Vaticano II, convocado por João XXIII, que pensou "responder melhor às necessidades da nossa época pondo mais em relevo riquezas da ... doutrina do que condenando" (p. 513). Daí um estímulo enorme; "se a teologia se destacara em outro tempo por seu conservadorismo, durante esta década se tem convertido na teologia mais provocativa e importante do mundo inteiro. Os influxos libertadores, desencadeados pelo Vaticano II, deram lugar, inevitavelmente, a produções aberrantes e efêmeras; no conjunto, porém, pode dizer-se que a teologia católica fez estourar finalmente as rígidas categorias, nas quais por tanto tempo tinha permanecido encerrada, como uma bor-

boleta ao sair de sua crisálida. E sem deixar de ser fiel à tradição católica, esta teologia veio esforçando-se nestes últimos anos em expressar-se em formas de pensamento contemporâneo. O espírito defensivo com que a Igreja católica tratou durante muito tempo de manter as fronteiras com o mundo moderno, condenando boa parte do pensamento moderno numa série de documentos — desde o "Syllabus Errorum" até a "Humani Generis" — deu lugar a um novo espírito de diálogo: diálogo com os outros cristãos, com outras religiões, e com os não-crentes" (513).

Penso que devemos ser gratos a John Macquarrie por uma apresentação tão ponderada e simpática do pensamento católico que favorece o diálogo ecumênico com os cristãos evangélicos, como por suas exposições sobre o pensamento religioso dos autores protestantes que ajuda aos católicos a compreenderem melhor a eles e aos outros pensadores do século XX.

3. "BALANCETE DA TEOLOGIA NO SÉCULO XX"

Uma vez que aqui se fala do "pensamento religioso no século XX" parece-me indeclinável recordar uma obra já conhecida de muitos leitores, mas tão representativa para o nosso assunto como nenhuma outra: o

"balancete da teologia no século XX". Foi publicada simultaneamente em alemão e em francês (2.3), quase no mesmo tempo, em que Macquarrie publicou a 2ª edição do seu livro. Neste "balancete" trata-se de uma auto-apresentação da teologia por uma equipe de 56 teólogos de diversas nações e diversas Igrejas cristãs (católica, evangélicas, anglicana, oriental-ortodoxa). E para que ficasse claro desde início que teologia não deve ser uma ciência religiosa para si mesma, senão deve levar a luz e a força de Deus aos homens de cada tempo, foi destinado o primeiro volume ao estudo "Mundo do século XX". O segundo e o terceiro volume apresentam, por sua vez, desenvolvimento geral da teologia nesse século como os acontecimentos e o estado atual de cada disciplina principal. O último volume, dedicado aos "teólogos desbravadores", apresenta as biografias de Rudolf Bultmann, Karl Barth, Paul Tillich, Emil Brunner, Reinhold Niebuhr, Marie-Dominique Chenu, Hans Urs von Balthasar, Karl Rahner, Yves M.-J. Congar, Henri de Lubac, Dietrich Bonhoeffer.

Quando John Macquarrie chegou ao fim do seu livro, em 1960, ele temia deixar o leitor "um tanto perplexo"; "nos temos encontrado com tantas concepções de religião, radicalmente contraditórias umas, muito próximas, outras, e outras tão diversas, que parecem referir-se

a coisas totalmente distintas ou, ao menos, a aspectos muito diferentes de uma e mesma coisa. Há uma diversidade proliferante, da qual não emerge nenhuma concepção comum" (p. 503). Ele cita também o parecer de I.M. Boschénski (A filosofia atual, 1949) que escreve: "Intensifica-se hoje, como sempre, uma luta violenta entre cosmovisões antagônicas; uma luta que alcança quiçá maior violência em nosso tempo que durante o século passado. Raras vezes ela revestiu tanta intensidade como agora, raras vezes existiram cosmovisões opostas tão potentes e raras vezes se tem expressado em formas conceptuais tão elaboradas e refinadas" (ib.).

Macquarrie em 1970 estava ainda indeciso, sealaria de uma 4ª fase espiritual entre 1960 e 1970. Os editores do "Balancete de Teologia" não tem dúvida a esse respeito. Escrevem a sua introdução ao 1º volume, dizendo o seguinte: "A teologia cristã encontra-se hoje num momento de mudança na sua história. Os desenvolvimentos econômicos e sociais do nosso tempo com seus problemas de justiça social e de paz entre as nações, a ameaça para a humanidade proveniente da época atômica, o encontro das culturas num momento em que a humanidade se move em direção a uma única civilização planetária, marcada pela ciência e a técnica, o fato de que as

religiões tem entrado num diálogo e tomam a sério a desconfiança que lhes mostra o ateísmo, a aproximação das confissões cristãs com as perguntas que cada uma faz sobre o conteúdo da sua própria mensagem específica: estes e muitos outros fenômenos que surgiram de uma grande transformação durante o nosso século, modificaram radicalmente o horizonte material, cultural e religioso da fé e impulsionaram uma renovação da reflexão teológica.

Num momento (depois do Vaticano II) em que os esforços dessa reflexão se tornaram sensivelmente mais intensos e se processam cada vez mais em dimensões internacionais e interconfessionais, esta obra quer fazer um balancete das atividades desde o início do século, apresentar o estado atual da pesquisa e avaliar estimativamente os contornos das tarefas que nos incumbem (p.5).

4. E O FUTURO?

O século XX está na sua última fase. Um homem que estudou "o pensamento religioso no século XX" e viu estes "Balancetes da Teologia no século XX" tem confiança no futuro da sua religião cristã? Não são tão raras as mães que vem dizendo a sacerdotes: "os filhos não seguem mais a religião; dizem que isto já passou". Quando a S. Sé, meses atrás, publicou uma de-

claração de fé sobre céu e inferno, apareceu no "Correio do Leitor" de Porto Alegre a manifestação de um senhor, cheio de fé nas maravilhas da ciência do século XX — "uma ciência que já chegou a colocar o homem na lua" declarou solenemente o "ex-católico" e quase zombou do Papa por anunciar ainda hoje tal doutrina.

Nosso autor John Macquarrie "depois de ter estudado e escrito a história do pensamento religioso atual" (p.509), acrescenta algumas "conclusões e sugestões". São as seguintes: a "nossa concepção de religião tem que ser razoável", isto é, não deve excluir nada da razão; tem que ser "contemporânea", enfrentando cada tempo; tem que ser "compreensiva e global" não se limitando apenas a certos aspetos da realidade e tem que ser uma concepção "in fieri", a caminho, aberta a ulteriores evoluções. Com isso nem ele, nem eu aqui queremos advogar um relativismo de "conformar-se à moda filosófica de (cada) momento" (p. 507), mas apenas lembrar que o Reino de Deus é como um grão de mostarda que no decorrer dos séculos se torna grande árvore.

Em relação às perspectivas futuras, Macquarrie não pretende "aumentar a já grande lista dos seus pecados, intentando escrever a história do pensamento futuro" (p. 509), mas apenas "chamar atenção sobre um fato que resulta alentador

para todos quantos se preocupam com o religioso, independentemente da escola a que pertencem: a saber, o fato de que, apesar de todas as calamidades do nosso século, apesar do secularismo que arrastou tanta gente, o pensamento religioso segue firmemente em pé e tudo faz supor que ele vai continuar assim. Se pensamos em nomes como Maritain, Berdajev, K.Barth, Marcel, Otto, Tillich, Teilhard, Rahner — para mencionar somente alguns — caímos imediatamente na conta, de que o século XX não está em nível inferior aos anteriores no que se refere às profundidades e à lucidez com que se tem enfrentado a problemática religiosa" (ib.).

A este respeito é bem eloqüente o testemunho de um renomado teólogo do nosso tempo: Heinrich Fries. Este professor de teologia fundamental da Universidade de Munique ao jubilar-se, no fim do mês de junho de 1979 da sua carreira de magistério, após 40 anos, pronunciou uma última preleção que tinha também o sabor de um "balancete", e de uma "perspectiva para o futuro".

"Não sou profeta — disse — nem futurólogo; Ninguém sabe, se a humanidade chegará até o ano 2000, uma vez que a possibilidade da destruição total do mundo pelo homem não é mais mera fantasia. Assim direi as palavras que seguem, somente com a devida restrição, isto é,

assim "como eu o vejo": Mas eu tenho a firme convicção de que a fé também no fim do século XX continuará se mantendo como fé cristã. Isto acontecerá pelo motivo de ser Jesus Cristo, o centro dessa fé, ontem, hoje e amanhã. Ele não é "um" entre muitos; ele é o único. Sua riqueza e os efeitos que dele dimanam, são inexauríveis. Por nenhuma figura da história ele foi refutado, menos ainda superado. Sua fascinação continua até o presente, vai além dos muros e limites das Igrejas. Em Jesus Cristo nos é revelada a verdadeira imagem de Deus e a imagem autêntica normativa do homem. Não existe absolutamente nenhuma situação na vida do homem, que não possa ser iluminada de sentido e ser sustentada, pela comunhão com Jesus Cristo e sua imitação.

A fé cristã existirá e se manterá porque o homem permanecerá, apesar de todas as transformações, o mesmo nas suas qualidades e capacidades fundamentais. Permanecerá aquele homem, cujo ser não é exaurido pelas suas funções e finalidades imediatas, que não se contenta com o simples mundo-ambiente e com fragmentos da realidade. Nas suas perguntas, no seu conhecer e aspirar ele se vê relacionado com o total e com a causa profunda do todo, como aquela realidade que tudo determina e que chamamos Deus. Isto aparece em forma elementar na pergunta pelo sentido das

coisas: para que tudo isso? Sem fé o homem não pode viver; todos crêem, também quem o contesta expressamente...

A nossa fé persistirá porque o homem do século XX fez a experiência da debilidade dos ídolos terrestres. Através dessa experiência negativa o seu olhar pode ficar livre para a dimensão verdadeira da fé: o homem todo – e Deus somente.

Mas é verdade que a nossa fé hoje e amanhã deverá entrar na concorrência com outras ofertas de fé, da parte de outras cosmovisões, outras doutrinas de fé e salvação, também outras religiões. A nossa fé não precisa ter medo dessa concorrência. Ela a pode vencer e a vencerá principalmente se não se fixar nas questões marginais, mas no seu centro, Jesus Cristo, reconhecendo nele o "discernimento do que é cristão..."(4).

Uma outra voz que merece ser registrada aqui, pela densidade de realismo que encerra, vem da Rússia. É o depoimento de Jurij Malcev, de 48 anos, ex-professor da Universidade de Moscou, expulso como dissidente político e atualmente residindo em Roma. Foi publicado no boletim "Ateísmo e Diálogo" do Secretariado do Vaticano para os Não-crentes, e traduzido ao português na revista "Pergunte e responderemos" (5)

Malcev, que em 1955 se formou em letras na Univ. de Leningrado, afirma algumas coisas

sobre os marxistas — : “Ninguém na URSS ainda acredita no marxismo”. “O marxismo não tem futuro na Rússia”. “É preciso abandonar o cadáver do marxismo”.

Mas outras coisas ele diz aos ocidentais: “Com toda a sinceridade devo dizer que, ao chegar ao Ocidente, sofri, como muitos outros refugiados políticos russos, profundas desilusões” (p. 24). “Pensávamos que uma sociedade livre, que permite o confronto de idéias, uma sociedade formada por cristãos, devia ser muito mais animada por espírito fraterno, pelos grandes ideais da paz e da justiça. Bem sabíamos que nenhuma sociedade pode ser perfeita... mas julgávamos... que os homens deveriam ser mais sensíveis, mais democráticos, mais abertos aos supremos valores do homem... Descobrimos uma sociedade que traiu os ideais democráticos e cristãos: há um espantoso conformismo, indiferença frente aos grandes valores do homem” (p. 25). Malcev, que ainda não é cristão, acha que “Os cristãos devem converter-se a Cristo”. Pois na URSS “perdemos toda a confiança numa solução política, social, econômica ou jurídica; a parte mais consciente do povo russo volta-se para o cristianismo e para a Igreja, como sendo a sua única esperança” (p. 26). E agora chegando de improviso a esta sociedade ocidental, “parece-me que... há tendên-

cias suicidas, extremistas, violentas, fascistas e comunistas, que estão a criar um ambiente de fanatismo dogmático e de violência, apropriado para abrir o caminho para uma sociedade totalitária” (ib.).

Impressões como estas de quem experimentou na sua própria vida o desencanto com um sistema (que ainda tenta a muitos entre nós) e que doutra parte, ao defrontar-se com o nosso tipo de sociedade, constata-lhe tão vivamente os males deveria fazer-nos refletir a todos e especialmente os maiores responsáveis pelas estruturas injustas e opressivas em que vivemos. Pois essas ou serão mudadas por meios pacíficos e democráticos ou então o recurso à violência se tornará inevitável.

Como Macquarrie tentou, após a sua história, uma sugestão para o futuro, assim também o “Balancete da Teologia no século XX” confiou a Karl Rahner a tarefa de redigir, para o fim dessa obra, uma “perspectiva sobre os futuros caminhos da teologia” (6).

Apesar, ou talvez por causa da vastidão de seus horizontes, K. Rahner começa afirmando que também para a teologia e o Cristianismo o futuro é algo desconhecido. De fato, nem sabemos, se o “fim do mundo está próximo” ou longínquo. Por outro lado faz parte da fé a esperança segura de que Cristo e a

Igreja estarão presentes à humanidade até o fim dos seus dias. Igualmente faz parte do ser cristão o apelo divino de os homens colaborarem com Jesus Cristo e o Espírito Santo, "enquanto é dia", na realização do obra, para a qual Deus veio ao mundo.

Após semelhantes reflexões, e visando o futuro próximo imediato do nosso século XX, Rahner "ousa" concretizar a sua idéia sobre futuros caminhos da teologia:

1) Ela será sempre menos a teologia de uma sociedade regional e culturalmente unida como até agora; será uma teologia da Igreja mundial, que vive em muitas regiões na diáspora e se deve pela própria força manter num mundo-ambiente neutro e secular.

2) Embora ela tem que conservar a unidade da fé eclesial, ela será uma teologia pluralista. Isto resulta simplesmente, do fato da difusão da Igreja em todo o mundo geográfico e entre homens de estilos de vida diferentes. Sendo que a teologia deve servir ao anúncio da fé, à inculturação da fé nas diversas culturas, ela deve elaborar a doutrina a partir de horizontes, filosofias, modelos de pensamento existentes naquelas culturas. (Aqui mesmo no Brasil, temos esta necessidade de diferenciação da pregação se queremos levar os dons de Deus, como luz e redenção e não de

forma opressiva, à cultura dos índios, dos africanos, das novas populações imigradas da Ásia, do povo simples, bem como de adaptá-la aos espíritos das universidades, das ciências naturais, técnicas, políticas e econômicas, e a outros que sentem objeções e barreiras, provenientes talvez da história e de outras fontes).

3) Ela será mais que no passado uma teologia missionária-mistagógica.

4) A teologia futura deve ser uma teologia "desmitologizante". (p. 538), dentro da verdadeira ortodoxia. Não é a "desmitização" de Bultmann. É aquela tarefa, já indicada, de transpôr, quando necessário, formulações tradicionais da doutrina da fé que correspondiam aos horizontes do pensamento de tempos e culturas anteriores, à linguagem e maneira de pensar de povos atuais, seja em terras de missão, seja na moderna civilização planetária técnico-industrial.

5) "A futura teologia será bem mais do que até agora uma teologia transcendental".

6) Rahner faz ainda observações sobre a teologia bíblica, histórica, política e ecumênica. Esta última evidentemente é uma necessidade do tempo, em que as diversas Igrejas entraram em diálogo umas com as outras para buscarem expressamente a união dos cristãos, como uma meta indicada pelo próprio

Evangelho. Quanto estudo de revisão e confronto, quanta despreensão e disponibilidade para "ouvir o que o Espírito diz às Igrejas" (Apc.2) supõe esta tarefa nos teólogos, na hierarquia e no povo cristão!

Da parte da **teologia protestante** podemos citar para esta questão do futuro da fé cristã um vigoroso autor, do qual se disse, que tem escrito "um dos livros mais importantes do nosso século sobre Deus" (7) e que é o autor também de proposições quase proféticas sobre o mesmo problema para a fé (8). É Heinz Zahrnt.

Num artigo, publicado em janeiro de 1980 (9), Heinz Zahrnt trata de um "tríplice progresso no alargamento da fé". "Segundo a concepção cristã — diz ele — a história universal é um drama divino-humano, no qual Deus se oferece cada vez mais profundamente ao homem e pelo qual o homem se torna cada vez mais consciente de Deus e de si próprio. Hegel fala por isso do "currículo da vida de Deus" na história universal: o ser divino está se realizando. Não no sentido de que o Deus da bíblia se desdobrasse aos poucos lentamente e assim gradativamente chegasse à plena consciência de si mesmo; Deus é desde o início, ente consciente de si mesmo — apenas realiza sempre de novo a sua presença na história, e com isso o seu relacionamento com os homens.

Neste processo, porém, é possível a parada e o progresso. Que aconteça uma ou outra coisa não depende somente de Deus, mas também dos homens. Pois "Deus não força" mas atrai "ou puxa" — não trata o homem como um tronco ou uma pedra, senão relaciona-se com ele qual pessoa responsável e capaz. Desta forma resulta do drama divino-humano, ... o currículo de vida de Deus na história universal.

O cristianismo, ao menos no Ocidente, desde há muito encontra-se numa crise; alguns até são de opinião de que esteja na agonia. A conseqüência é que muitos, nomeadamente cristãos evangélicos conservadores e católicos tradicionalistas, se queixam da grande apostasia da humanidade e estão presos por sentimentos de derrocada e de fim do mundo.

Uma crise histórica, porém, sempre carrega dentro de si ambas as coisas: morte e vida, fim e novo começo. Isto precisamente os cristãos deveriam ter apreendido da cruz. Sendo assim, eu me atrevo — em oposição a esta mentalidade derrotista e escatológica muito difundida entre cristãos de hoje — a afirmar, que não nos encontramos só numa parada, mas simultaneamente num momento de progresso na história de Deus com os homens."

O progresso que ele preconiza, envolve um novo posicionamento doutrinal da Reforma,

que toma em consideração as mudanças havidas entre o tempo de Lutero e o tempo de hoje, posicionamento de aproximação ao catolicismo. Não só a bíblia mas também a fé vivida dos homens, não só graça individual, mas também da criação toda que deve ser mudada para o melhor, não só a fé eclesial mas também experiência de Deus no mundo. Teologia é iluminação ("Aufklaerung") do mundo através da fé. "Como a neblina sobre uma paisagem se ilumina e dissipa quando prorrompe o sol, assim se ilumina ao

crente a realidade do mundo, na luz da experiência bíblica de Deus e da interpretação do mundo através da bíblia. O crente então se esforça por esclarecer também os seus contemporâneos com esta 'iluminação' do mundo... Para esta iluminação teológica eu, como protestante, não conheço formulação mais adequada do que a conhecida sentença de Tomás de Aquino, doutor católico de Igreja: "A graça não destrói a natureza, mas a eleva à perfeição" (p. 13).

NOTAS

- (1) MACQUARRIE, John: **El pensamiento religioso en el siglo XX**. Las fronteras de la filosofía y la teología 1900 - 1970. (Versión castellana de Juan Estruch) 553 pp, 21, 5x14 cm, Editorial Herder, Barcelona 1975 (Biblioteca Herder, Sección de Teología y Filosofía, vol.140).
- (2) **Bilanz der Theologie im 20. Jahrhundert**. Perspektiven, Stroemungen, Motive in der christlichen und nichtchristlinchen Wel. Herausgegeben von Herbert VORGRIMLER un Robert VANDER GUCHT. Band I, II, III, 472, 453, 562 pp.. (Band IV): Bahnbrechende Theologen. 240 pp, 24,5 x 15 cm, Herder, Freiburg 1970.
- (3) **Bilan de la théologie du 20e. Siécle**. Sous la direction de, Robert VANDER GUCHT, chercheur qualifié au F.N.R.S. et Herbert VORGRIMLER, professeur à Université de Lucerne Tome I: 1. Le monde du XXe. Siécle. 2 La théologie Chrétienne: les grands courants. 600 pp. Tome II. La théologie chrétienne (Suite): les disciplines théologiques particulières. Portraits de théologiens. L'Avenir de la théologie. 985 pp., 24,5 x 15,5 cm, Casterman, Tournai-Paris 1970.
- (4) "Christ in der Gegenwart" (semanário), Freiburg i.Br., 2/9/70, p. 189.
- (5) "Pergunte e Responderemos", Rio de Janeiro, janeiro 1980, pp. 19-38
- (6) "Bilanz der Theologie"... Band III, pp. 530-551
"Bilan de la théologie..." tome II, pp. 911-922.
- (7) ZHRNT, Heinz: **Die Sache mit Gott**. Die protestantische Theologie im 20 Jahrhundert. 512 pp. 21,5 x 14cm, R. Piper, Muenchen 1966 - **A vueltas con Dios**. La teologia pretestante en el siglo XX. 466 pp, 21 x 13,8 cm, Hechos y Dichos, Zaragoza s.d.
- (8) ZHRNT, Heinz: **Gott Kann nicht sterben**. Wider die falschen Alternativen in Theologie und Gesellschaft. 328 pp, 21,5 x 14v, R. Piper Muenchen 1970.
- (9) ZHRNT, Heinz: **Aufklaerung im Namen der Religion**. Der dreifache Fortschritt in der Ausweitung des Claubens. - in "Lutherische Monatshefte 19(1980) 9-13.